

Quarteto Maogani
revela lado autoral
em novo álbum



PÁGINA 3

Zelar pela
democracia não
tem idade



PÁGINA 4

Quadrinista Aline
Zouvi agora aposta
nas graphic novels



PÁGINA 8

2º CADERNO

João Bosco vai do ceticismo ao Brasil utópico em novo disco aos 50 anos de carreira

Por Thales de Menezes (Folhapress)

Aos 50 anos de carreira, o cantor e compositor João Bosco lança o álbum “Boca Cheia de Frutas”, trabalho de inéditas que traz homenagens a Tom Jobim e Aldir Blanc e apresenta uma releitura de “O Cio da Terra”, de Milton Nascimento e Chico Buarque. Segundo o artista, é um disco que começa “cético” e termina “utópico”.

À primeira audição, é evidente a forte presença das questões dos povos originários. Bosco fala que a ancestralidade está presente em toda a sua discografia. “Pode acompanhar nessas cinco décadas, tem sempre um pé na nossa ancestralidade. Eu fiz com o Aldir Blanc um samba-enredo em homenagem ao João do Pulo, no álbum ‘Cabeça de Nego’, em 1986, com os versos ‘João como um João qualquer/ um João de sangue afrotupi’. São versos que se referem a essa ancestralidade histórica e civilizatória brasileira. Diz respeito aos africanos que chegaram em navios negreiros e aos povos originários da terra.”

O título do álbum, e de uma das canções, é a tradução de um canto yanomami, “waruku kēi moramaki”. Ele reconhece que o tema indígena está mais explícito nesse disco, mas confessa não saber a razão. “Não sei te dizer. Talvez esses momentos recentes em que povos originários estão sofrendo uma perseguição em seu habitat. Ataques em um passado recente, principalmente no governo anterior, e agora esse governo atual está tentando consertar o estrago”, afirma.

Continua na página seguinte



‘Boca Cheia de Frutas’ é, nas palavras de João Bosco, um disco que começa cético e termina com mensagens utópicas



Fotos/Divulgação

COM OS PÉS FINCADOS NA ANCESTRALIDADE

COMO COLOCAR TEMAS DUROS NUM DISCO?

João Bosco fala sobre o garimpo ilegal, que leva doenças e fome aos indígenas, mas volta aos anos 1970. “Começa na Transamazônica, quando quem construiu passou por cima de terras, cemitérios e habitações indígenas e ficou por isso mesmo. Muitos povos foram dizimados em função daquela estrada. Quem estava invadindo a terra tinha armas mais letais, mais eficientes”, recorda.

Mas como isso cai num disco? Ele conta sobre o processo de fazer essa safra de músicas com o filho e parceiro, o antropólogo Francisco Bosco. A primeira que compôs foi “O Canto da Terra por um Fio”. “Eu falei a Francisco do lado campesino que essa música tinha. O universo dela está numa situação do homem com a terra. Ele percebeu isso e foi mais além. É um agravamento dessa relação do ser humano com a terra, ela oferece muito e nós não damos nada em troca. É cética em relação a isso.”

Ele tinha enviado uma música a Roque Ferreira, que devolveu a letra de “Dandara”, que abre o disco, e é carregada de religiosidade afrobrasileira. Em cima da sonoridade dos termos mencionados na letra, ele construiu um canto introdutório, impactante. “A introdução pode ser tanto bachiana quanto um tribal de africanos que aqui aportaram.”

Mas ele defende uma pegada contemporânea. “Você está olhando a ancestralidade no retrovisor, com ela você aprende, mas o carro segue para a frente.” Para o compositor, é relevante que o disco se encerre com “O Cio da Terra”, que fala de uma relação pacífica do ser humano com o planeta, no sentido de que um precisa do outro.

“O álbum acaba numa utopia porque o Brasil foi, é e será sempre o país do futuro, o país que a gente sonha e que a gente não vê, mas imagina”, diz Bosco, que revela sua admiração por uma frase do antropólogo Darcy Ribeiro, que teve relação intensa



Divulgação

Sobre a faixa ‘E Aí?’: ‘É uma letra do Aldir não muito comum no nosso trabalho. Quis musicar para esse Aldir como eu penso nele hoje’

com os povos originários: “Nós devemos nos orgulhar dos nossos fracassos.”

“Ele sabia do que estava falando, nós sempre estamos tentando e nunca conseguimos, mas não é por isso que a gente

tem que deixar de tentar. O disco começa com essa coisa meio cética, passa por experiências ao longo das canções e acaba com essa utopia.”

Ele gravou a faixa “O Canto da Terra

por um Fio” acompanhado apenas do violoncelista Jaques Morelenbaum. “Jaques tira sons diversos daquele instrumento, às vezes se assemelha a uma serra cortando uma árvore, sons de insetos, de bichos. Ali bastava nós dois. Uma gravação ao vivo, feita no estúdio, no primeiro take.”

A canção foi gravada em novembro e foi lançada nas plataformas como single em dezembro. Só depois que Bisco começou a pensar no álbum. Uma influência grande foi o disco “The Composer of Desafinado, Plays”, de 1963, que apresentou Tom Jobim ao público americano. Meses depois, Jobim participaria como pianista no álbum “Getz/Gilberto”, que reuniu o saxofonista americano Stan Getz e João Gilberto.

Ao lado do disco de Sérgio Mendes “Você Ainda Não Ouviu Nada!”, do mesmo ano, são para Bosco a base da moderna música brasileira. Ele faz uma homenagem a Jobim na faixa instrumental “Sobre Tom”.

Curiosa é a história da música “E Aí?”, composta com o parceiro de décadas Aldir Blanc, morto em 2020. Quando foi ao lançamento da biografia de Aldir escrita por Luiz Fernando Vianna, ele viu no livro essa canção entre as que escreveu com o parceiro. Mas ele não se lembrava dela.

Ficou achando que talvez Aldir tivesse pensado ter mandado a letra para ele, sem ter feito isso. Ou então admite que poderia ser um problema dele, de falta de memória. “Faz parte de uma certa altura da sua vida, né?” Ele acabou encontrando a letra, mas não se recordou de ter feito música para ela.

Resolveu escrever a canção e incluir no disco. “É uma letra do Aldir não muito comum no nosso trabalho, é muito delicada, fala de desencontros. Quis musicar para esse Aldir como eu penso nele hoje. É boêmia, uma canção da madrugada.” O pianista Cristovão Bastos, peça fundamental na produção do disco, incluiu nela uma citação a “Tive Sim”, canção de Cartola que Aldir Blanc adorava.

Bosco vai preparar um show com a sonoridade de “Boca Cheia de Frutas”, com quarteto de cordas e tudo mais que ele utilizou no estúdio. Mas deve ficar para o segundo semestre, após cumprir turnês na Europa e nos Estados Unidos.

Apenas uma ou outra canção do novo álbum deve entrar na apresentação que ele faz em São Paulo na próxima quinta (16), no Teatro das Artes, no shopping Eldorado. Este será um show mais retrospectivo de seus 50 anos de carreira.

O primeiro álbum autoral a gente nunca esquece

Aos 30 anos de carreira, o conceituado quarteto de violões Maogani lança disco só com temas próprios

Com riqueza de arranjos e um olhar inovador sobre a música instrumental, o Quarteto Maogani celebra três décadas de arte com seus violões em destaque. Para comemorar a marca, o grupo lançará “Maogani Autoral”, seu oitavo álbum de carreira do conceituado quarteto de violões e o primeiro composto exclusivamente por obras escritas pelos integrantes. O primeiro single “Nashca”, já está disponível em todas as plataformas de música.

“Maogani Autoral” também marca a entrada de dois novos violonistas, Diogo Sili e Lucas Gralato, que se juntam aos fundadores Carlos Chaves e Paulo Aragão. O álbum



Rafaela Bisacchi/Divulgação

conta com composições dos membros atuais do grupo, assim como contribuições de ex-integrantes, todas inéditas e algumas especial-

mente compostas para este projeto.

O repertório explora diversas facetas da formação de quarteto de violões, desde o

samba e o maracatu até peças camerísticas e líricas, oferecendo um panorama da versatilidade do Quarteto Maogani e do próprio violão brasileiro.

Desde sua fundação no final de 1994, o quarteto se estabeleceu como um dos grupos instrumentais mais influentes e teve o privilégio de compartilhar o palco com grandes nomes da música brasileira, como Guinga, Monica Salmaso, Lenine, Renato Braz, entre outros. Além disso, acumulam reconhecimentos como o Prêmio da Música Brasileira, onde foi eleito Melhor Grupo Instrumental por três vezes (2002, 2004 e 2015), além de outros importantes prêmios, incluindo o 3º Prêmio Rival BR de Música em 2004.

Refletindo a jornada com respeito e olhando para o futuro, o álbum “Maogani Autoral” será lançado na segunda quinzena deste mês de maio.



Os músicos do Maogani mostram composições autorais em novo álbum

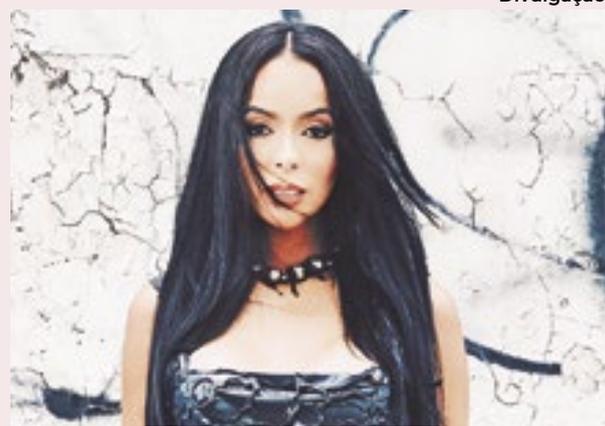
UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Holanda e Geraes

Filha de uma holandesa com um brasileiro, a cantora, compositora, produtora musical e multi-instrumentista Jasmin Godoy faz de sua arte uma busca por conexões globais. As ruas de sua Rotterdam natal se unem aos rios e cachoeiras de Minas Gerais em canções envolventes. Um dos marcos de seu primeiro álbum solo “Show me the Way” (2023), “Rooftop” é um bom exemplo disso. A faixa foi inspirada por experiências vividas na Holanda e ganha um clipe que coloca o sertão em visibilidade.

Divulgação



Divulgação

Transição completa

A cantora Ella, que passou por uma transição de gênero e também musical, retorna aos trabalhos com o single “Mãe”. A faixa que aborda a relação entre a artista e sua mãe, que não a aceitava até então devido à sua identidade de gênero e sexualidade. Recentemente, Ella enfrentou um grande boicote nas redes sociais. A cantora sofreu inúmeras denúncias de fiéis que a acompanhavam enquanto era uma artista gospel. Destemida e com vontade de vencer, o single “Mãe” marca também o retorno da cantora às redes sociais e ao mercado musical.



Divulgação

Essência romântica

Vedo, cantor e compositor americano, lança o single “Your Love is All I Need”, uma ode ao amor incondicional e verdadeiro. A faixa fará parte do álbum “Next Chapter”, previsto para junho, mantendo a essência romântica do artista. Produzida por Amadeus e Buda, a faixa captura a essência da vulnerabilidade e da segurança de uma paixão, refletindo um momento especial para o artista. “É sobre se sentir seguro com alguém, saber que não preciso de fachadas. Você não precisa ser nada que não seja”, conta Vedo, que se casou recentemente.

CORREIO CULTURAL

Reprodução TV



Oprah Winfrey: cultura alimentar internalizada

Oprah Winfrey envergonhada por defender padrão corporal

Oprah Winfrey contou que se arrepende do papel que desempenhou durante anos na cultura da magreza nos Estados Unidos ao vender programas de emagrecimento. Ela desabafou em evento organizado por uma de suas empresas chamado "Fazendo a mudança: uma nova maneira de pensar sobre o peso". Oprah disse que

se sente envergonhada por ter contribuído com a ideia de um padrão corporal.

"Muitos de nós internalizamos a cultura alimentar e os padrões corporais que geraram tanta vergonha. Fomos criticados, sofremos, ficamos envergonhados", continuou Oprah que faturou muito dinheiro com os programas de emagrecimento.

Capoeira

Estão abertas as inscrições para que capoeiristas de todo o Rio se inscrevam no Cadastro Fluminense da Capoeira. O Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) está reunindo informações sobre a prática da capoeira no estado.

Rio+Rock

O coletivo Rio+Rock convida a comunidade roqueira carioca para uma roda de conversas com grandes nomes atuantes do mercado da música. O encontro será dia 25 de maio, sábado, a partir das 20h, em Botafogo, com entrada franca.

Festival

O tradicional Bourbon Festival Paraty terá mais de 30 apresentações gratuitas, nacionais e internacionais, em palcos montados no Centro Histórico de Paraty entre os dias 24 e 26. Entre as atrações, Marcos Valle, Paula Lima e Robin Eubanks.

Participação

Pelo segundo ano consecutivo, a Saphira & Ventura Gallery, de Nova York, participa do Empower Her Art Forum no Museu Nacional da Civilização Egípcia, no Cairo, entre os dias 18 e 22 de maio, com artistas dos Estados Unidos e da América do Sul.



O espetáculo narra a história de um país feliz até um ditador aparecer

O valor da democracia se aprende desde cedo

Cia Cerne circula gratuitamente pela Baixada Fluminense com espetáculo 'Era uma Vez um Tirano', adaptado de livro clássico de Ana Maria Machado

A Cia. Cerne circula por quatro cidades da Baixada Fluminense (Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu e Japeri) com apresentações gratuitas do espetáculo infanto-juvenil "Era uma Vez um Tirano", primeira adaptação teatral do livro clássico de Ana Maria Machado.

O espetáculo narra a história de um país colorido em que as pessoas viviam felizes até o dia em que sobe ao poder um certo ditador, que resolve mudar tudo. Reclama das cores, das músicas, proíbe ideias! O país se torna cinza e triste. Quem tenta se manifestar contra a situação, é pre-

so ou expulso pelo Tirano. Alguns ficam quietinhos, fazendo de conta que concordam com tudo aquilo. Muito tempo depois, três crianças se conhecem e, com muita imaginação, enfrentam o Tirano e resgatam as cores e a alegria daquela gente.

Com adaptação de Vinicius Baião e músicas originais de Beto Gaspari, executadas ao vivo pelo elenco, a montagem traz personagens divertidos em texto ágil que coloca a curiosidade e o questionamento infantil como grandes estimuladores para que o adulto revise o seu olhar sobre o mundo e as coisas.

O espetáculo fomenta a discussão sobre as possibilidades de um

fazer teatral direcionado a crianças e adolescentes que toque, de maneira lúdica, em questões sócio-políticas. "Era uma Vez um Tirano" rendeu à Cia Cerne o Prêmio CBTIJ de Teatro Para Crianças 2023 nas categorias Ator Protagonista e Visagismo.

O trabalho continuado da Cia Cerne também venceu o Prêmio CBTIJ de Teatro Para Crianças 2022 na categoria Especial, pela "pesquisa de linguagem do grupo que traz questões políticas e artísticas na criação dos espetáculos para crianças".

Fundada em 2013 em São João de Meriti, Baixada Fluminense (RJ), a Cia. Cerne completa dez anos se consolidando como uma das principais companhias da região. Tendo circulado por nove estados do Brasil e participado de diversos festivais, já recebeu mais de 50 prêmios. Em 2023, o grupo fundou a Escola Popular de Teatro da Baixada Fluminense, pela qual oferece uma série de oficinas gratuitas majoritariamente para moradores da Baixada.

SERVIÇO

ERA UMA VEZ UM TIRANO
17/5/: às 14h, na Escola Fábrica dos Atores e Materiais Artísticos (Rua Apinagés, 140 - Nova Iguaçu)
22/5/: às 15h, no Espaço Cultural Código (Rua Davi, 198 - Nova Belém - Japeri)
 Entrada franca



Na praia com De Palma

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Atento a efemérides, o Festival de Cannes escalou para a seção Cinema na Praia de sua 77ª edição (agendada de 14 a 25 de maio) uma celebração dos 50 anos de um marco do musical: “O Fantasma do Paraíso” (1974). O que soa curioso nessa homenagem é o fato de que seu realizador, Brian Russell De Palma, não consiga mais filmar ou sequer exibir comercialmente seus filmes mais recentes.

Citado como referência por Quentin Tarantino e aclamado por cineastas europeus como Nicolas Winding Refn e François Ozon, De Palma chegou à triste marca de cinco anos de invisibilidade aos olhos da indústria audiovisual. Nenhum dos projetos de longa-metragem que estavam associados a seu nome saiu do papel, incluindo um thriller potencialmente reservado para Wagner Moura, chamado “Sweet Vengeance”. O pior: o último trabalho do octogenário realizador segue estacionado desde 2019 na fila de filmes sem tela no Brasil. “Dominó”, que foi seu longa mais recente, passou na Europa em raros espaços e não teve circuito nestas bandas. Protagonizado pelo ótimo Nikolaj Coster-Waldau, no papel de um policial em busca de vingança, o thriller “Dominó” aguarda estreia em vários territórios, confirmando uma maldição que se abateu sobre seu realizador. Nos EUA, ele passou batido, prejudicado por uma série de problemas de produção. Nos bastidores, fala-se em calote, que nem De Palma nem os atores foram remunerados como deveriam. Seu fracasso acabou prejudicando projetos posteriores do midas do suspense da Nova Hollywood, como “Catch and Kill”, escrito para seu amigo Al Pacino, e “Predator”, sobre o escândalo Harvey Weinstein.

Responsável por garantir ao diretor (hoje com 83 anos) uma indicação ao Leão de Ouro, em 2012, o suspense “Paixão” (“Passion”), com Noomi Rapace e Rachel McAdams, permanece, também zero km em nosso circuito. Nem streamings como a MUBI conseguiram trazê-lo.

Já “O Fantasma do Paraíso” teve melhor sorte. Passou recentemente numa mostra do Grupo Estação e vai para a Croisette a partir

Areias de Cannes acolhem projeção de ‘O Fantasma do Paraíso’, cult musical de Brian De Palma, mestre que não consegue mais filmar em exibição suas obras mais recentes



Divulgação

desta semana. Na trama, baseado em “Fausto”, de Goethe, um músico se torna um monstro assassino ao ter sua alma corrompida por um empresário diabólico. Sua originalidade e sua transgressão se fazem notar já na sequência de abertura, quando um dublê de Paul Anka canta “Goodbye, Eddie”, nos cítricos acordes da banda Juicy Fruits. Ao rever seu experimento, o próprio De Palma declarou: “Hitchcock é o maior mestre da arte contar histórias a partir de imagens e se eu uso alguma referência de sua gramática esses elementos dão complexidade ao que eu conto. Mas acho que hoje, após quase seis décadas como diretor, eu já tenho meus próprios métodos configurando um estilo”.

De Palma rodou “O Fantasma do Paraíso” em locações na Califórnia e no Texas (no Majestic Theatre, improvisado como estúdio) ao custo de US\$ 1,3 milhões. A produção rendeu ao cineasta o Grande Prêmio no Festival de Cinema Fantástico de Arvoriaz,

humana” (1966), de Arthur Penn. Foi indicado ao Oscar quatro vezes e acabou premiado com a estatueta por “Nasce uma estrela”, de 1977.

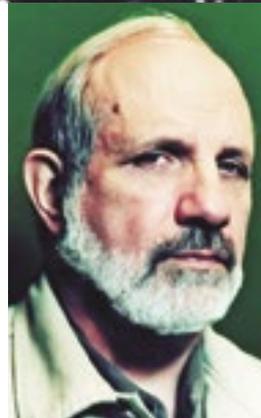
Mas o que dizer dos demais clássicos e cults dirigidos por De Palma?

Exibido no Festival de Rio de 2008, “Guerra Sem Cortes” (“Redacted”), um libelo contra a intervenção militar de Bush no Iraque, teve melhor sorte e foi pra grade do www.mubi.com. O longa deu a De Palma o prêmio de Melhor Direção em Veneza, na Itália. “Dália Negra”, seu último sucesso, lançado em 2006, também sumiu das telas, mas hoje pode ser acessado na Amazon Prime. O que teria expelido um cineasta desse naipe do circuito? Cineasta com 63 anos de carreira.

Nascido em 11 de setembro de 1940, em Newark, Nova Jersey, De Palma estudou Física até estrear como realizador, em 1960, ao rodar o curta-metragem “Icarus”. Filho de um cirurgião, a quem acompanhou em muitas operações, De Palma rodou 35 filmes nas últimas cinco décadas. Dirigiu sete curtas entre 1960 e 1966, além de um videoclipe para Bruce Springsteen, desenvolvido a partir da canção “Dancing In The Dark”.

Na seara dos longas-metragens, contabiliza 31 produções, rodadas entre 1968 - quando debutou no formato, com “Murder à La mod” - e 2019 - quando “Dominó” entrou em cartaz, ficando em evidência apenas em Israel e na Hungria. Avaliando-se tudo de bom que o diretor assinou, “Dublê de corpo” (1984), “Scarface” (1983) e “Carrie, a estranha” (1976) são considerados obras-primas em sua carreira, cujos maiores êxitos comerciais foram projetos de “encomenda”. Seus blockbusters: “Os Intocáveis” (1987), cujo faturamento beirou US\$ 76,2 milhões, e “Missão: Impossível” (2006), que registrou uma arrecadação mundial de US\$ 456,7 milhões.

Controverso por excelência, classificado como misógino e voyeurista, De Palma foi, durante décadas, classificado como um pastichador de Alfred Hitchcock, até que uma retrospectiva realizada em 2002 no Centre Pompidou recontextualizou sua filmografia, buscando uma identidade autoral própria para além de suas referências. Em 2007, quando lançou “Guerra sem cortes” no Lido, usando elementos da linguagem digital retirados do YouTube, o cineasta declarou: “Hitchcock é o maior mestre da arte contar histórias a partir de imagens e se eu uso alguma referência de sua gramática esses elementos complexificam o que eu conto. Mas acho que hoje, após quase 50 anos como diretor, eu já tenho meus próprios métodos configurando um estilo”.



O Festival de Cannes leva o monstro mefistofélico de Brian De Palma à sua sessão na praia, ao exibir ‘O Fantasma do Paraíso’

na França.

William Franklin Finley, astro que interpreta Winslow e o Fantasma em “O Fantasma do Paraíso”, trabalhou nove vezes com De Palma, numa parceria iniciada em 1962 com o curta “Woton’s wake”. Compositor e músico, Paul Williams, escolhido por De Palma para interpretar Swan, participou como ator de cerca de 80 produções, seja para o cinema ou para a TV, incluindo o cultuado “Caçada

CRÍTICA / FILME / PLANETA DOS MACACOS: O REINADO

Divulgação



Repetindo erros humanos

Em 'Planeta dos Macacos: O Reinado', o jovem Noa é curioso e justo à imagem de César

Por Guilherme Luis (Folhapress)

Os filmes “Planeta dos Macacos” nunca se acovardaram. Distribuíram, ao longo de nove títulos, um amontoado de discussões sociais e políticas, atravessando diferentes décadas e contextos históricos. “O Reinado”, décimo capítulo, que estreou nos cinemas, agora mira suas críticas no fanatismo político, com traços messiânicos.

Centenas de anos se passaram desde os acontecimentos da trilogia mais recente, que mostra as origens do cenário exibido em “O Planeta dos Macacos” de 1968. César, o chimpanzé protagonista dos últimos filmes, lançados entre 2011 e 2017, virou uma figura divina entre os macacos, louvado por ter se sacrificado pela sobrevivência da sociedade primata numa guerra contra os humanos.

Ele virou símbolo para o bem e para o mal. Há bichos que tentam preservar seus preceitos de justiça e discernimento, enquanto outros deturpam o lema “macacos unidos, fortes” para incitar a violência e a ditadura.

E o planeta agora é mesmo dos macacos, que se balançam entre as ruínas de construções tomadas pela natureza. Concreto faz as vezes da madeira neste futuro cheio de ancestralidade, num contexto em que a gripe transmitida pelos símios dizimou quase por completo os humanos - os poucos que sobraram são mudos e selvagens.

Quem assume o centro da história é Noa, um macaco jovem, curioso e justo, à perfeita imagem de César - moral e fisicamente. Após ver a família e seu clã serem atacados, ele parte numa jornada de vingança e conhece Mae, uma das raríssimas humanas que ainda sabe falar. Ela está sendoçada por um

grupo de primatas liderado pelo ditador Proximus César.

O vilão é também, à sua maneira, uma criatura religiosa, que distorce os dizeres de César ao pregar para um bando de macacos devotos. Ver nas telas a ascensão do governo tirânico, escorado na fé de um povo cego, deve fazer o público pensar em recentes líderes políticos do mundo real.

Brincar com paralelos sociais entre a humanidade e os macacos digitais é vontade declarada do diretor Wes Ball. “Quería falar sobre conhecimento perdido num mundo perdido. Sou atraído pela ideia de que o mundo que nós criamos desmoronou e se tornou quase irreconhecível num ambiente natural”, afirma ele.

Nesse contexto de derrocada humana, os macacos descobrem a eletricidade. Em meio ao matagal do filme, bichos carregam lanças que dão choque, mas querem mais

- mais pólvora, metal e poder.

Ball diz que o filme reflete, de certa forma, a Idade do Bronze, período da pré-história. “Amo o conceito de criarmos um mundo de fantasia, com macacos, que atravessa eras semelhantes às que tivemos na humanidade.”

Nada que já não tenha feito exaustivamente neste novo “Planeta dos Macacos”, que supera os já impressionantes efeitos visuais de “A Guerra”, lançado em 2017, ao pôr macacos digitais por cima de atores de verdade.

Nenhum deles é Andy Serkis, intérprete de César e mestre dessa técnica, tendo antes atuado como o asqueroso Gollum em “O Senhor dos Anéis” e o macaco de “King Kong”. Ainda que a Disney não tenha recontratado o ator para “O Reinado”, Andy Serkis quebrou um galho para o estúdio e deu dicas aos novatos. Para dar vida aos macacos, os intérpretes trabalham espremi-

dos num macacão de lycra com sensores colados no rosto, que captam cada movimento e expressão. Eles são cobertos depois pelos focinhos e pelos dos primatas, de forma digital, na pós-produção.

É um trabalho complexo, assinado pela Weta Digital, empresa responsável pelos últimos “Planeta dos Macacos” e que ganhou o Oscar por “Avatar: O Caminho da Água”.

“Os atores eram inexperientes. Serkis dizia - confiem no processo porque daqui um ano vocês verão que aquela roupa e os pontos idiotas colocados nos seus rostos vão ser traduzidos de forma adequada para um personagem sintético”, conta Wes Ball, o diretor.

Há tempos se discute, no meio cinematográfico, se quem atua por trás de uma figura digital deve ser premiado ou não. O próprio Serkis é defensor ferrenho da ideia de que, sim, ator é ator, seja coberto por uma fantasia física ou computadorizada.

“O maior exercício é se livrar da vaidade, porque você não vê seu rosto na tela. Prefiro me esconder dentro de um personagem”, o ator disse, em entrevista, em 2017, quando visitou São Paulo para divulgar seu último filme como César.

Apesar de não deixar claros os requisitos para que um ator ou atriz sejam indicados à sua estatueta, o Oscar tradicionalmente ignora performances feitas por artistas escondidos sob animação.

Em entrevistas, Serkis vinha se mostrando esperançoso, dizendo que esperava uma nova mentalidade dos votantes mais jovens da Academia. Com “A Guerra”, deixou claro que ansiava por uma indicação ao prêmio. Não aconteceu.

Se aquele filme, carregado de drama, concluiu a jornada de César sob o peso da nevasca, o diretor Wes Ball quis dar um senso de recomeço ao encher de luz seu “O Reinado”. “A maior parte do filme acontece em sets que construímos em espaços reais. É importante sujar as unhas de terra, mas tive muito trabalho para esconder as câmeras infravermelhas da captura de movimento pelo ambiente. Foi maluco”, afirma ele.

'Velha, meu amor? Sou rica e tenho contrato vitalício com a Globo'

Com biografia recém-lançada, Susana Vieira segue com sua língua afiada bem ao estilo metralhadora giratória

Por Ana Cora Lima (Folhapress)

Ela diz que nunca pensou em ter uma biografia, mas agora tem. Foram dez anos de entrevistas ao doutor em teledramaturgia Mauro Alencar, que se debruçou sobre a carreira de Susana Vieira e a trajetória de Sônia Maria Vieira Gonçalves (nome de batismo da atriz). O resultado é o recém-lançado "Senhora do Meu Destino, A Biografia".

Estrela de TV há mais de 60 anos, Susana é dona de uma personalidade forte e conhecida pela língua afiada. No entanto, ela diz que tem tentado ser mais cautelosa com suas falas - o que dura pouco. Minutos depois, assume a falta de modéstia e reclama do etarismo: "Eles me chamam de velha... Velha, meu amor? Eu sou rica". E também de não ser mais chamada para as produções: "Eles não me escalam? Problema é deles, porque eu sou maravilhosa".

Diagnosticada com leucemia em 2017, Susana afirma que está bem de saúde e que aprendeu a tomar banho frio desde que descobriu na internet que esse seria um truque para ficar mais jovem. Confira abaixo os principais trechos da entrevista.

BIOGRAFIA

"Nunca tive ideia de escrever sobre mim. O Mauro Alencar, um grande conhecedor da história da televisão brasileira, veio com essa ideia. Ele achou que eu era uma estrela maravilhosa, um ícone, um ídolo, uma pessoa importante para a história da televisão brasileira porque tinha feito várias personagens



Daniel Chiacos/Divulgação

Susana Vieira na montagem brasileira do clássico 'Shirley Valentine'

que tiveram importância na vida da mulher brasileira. Fui uma divorciada, fui uma mãe de gay, fui babá, fui uma nordestina guerreira... enfim... Aceitei fazer a minha biografia."

ASSUNTO VETADO

"Sabe quando você acha algo desnecessário? Achei que não tinha necessidade falar sobre alguns assuntos e quis fazer um livro leve, um livro agradável para o meu público. E acredito que esteja mesmo. Falo da televisão brasileira e, quem quiser saber da história, vai saber por mim. Tenho mais de 60 anos de profissão, gente! Trabalhei com os maiores atores da televisão, como Paulo Autran, Raul Cortez, José Wilker, Tony Ramos... Se eu tive caso com alguns deles? Tive um caso com o Rubens de Falco e com alguns atores de que eu não posso citar os nomes. Eram comprometidos."

ESCRITORA

"Já fui bailarina, atriz e me descobri como escritora (risos). Quero agora escrever crônicas, falando do governo, mas se for falar de governo tem que ser em outro país, né? Mas

quero também escrever sobre ser mulher. Não vou usar esse termo feio, etarismo, acho chato, mas sobre a velhice. Eles me chamam de velha. Velha, meu amor? Eu sou rica. Estou bem na Globo. Tenho contrato vitalício. Eles não me escalam? Problema é deles, porque eu sou maravilhosa."

DIETA

"Nunca fiz dieta na vida. Agora ando sem vontade de comer. E por quê? Ando ansiosa, nervosa... A minha vida pessoal é muito boa, mas ando agitada pelo mundo, pelas coisas que a gente vê que estão acontecendo. Eu hoje tive tanta dor de estômago porque fiquei assistindo o tempo todo àquela tragédia do Rio Grande do Sul. Aquilo é inacreditável. Se eu estivesse vendo um filme de terror, não seria tão horrível... E aí não tenho muita vontade de comer. Como sanduíche com café com leite."

SER ESQUECIDA

"Não tenho medo de ser esquecida porque eu tenho 450 mil coisas na Globoplay. A TV Globo, para se manter viva, vai ter que

botar essas novelas todas no ar, e o público vai continuar vendo a gente. Agora que lancei um livro, não posso ser esquecida. Olha, eu vou ligar lá do céu e mandar os caras botarem o meu livro permanentemente na vitrine para nunca mais sair. Tipo a obra do Shakespeare."

CONTRATO VITALÍCIO

"Foi na última renovação, e eu tenho que agradecer a eles a gentileza que tiveram comigo. Sempre dei todo o meu empenho, meu trabalho, minha alegria... E acredito que a Globo, em retribuição, me deu um contrato vitalício. Graças a Deus, sou amada por 133 milhões de pessoas, e a própria emissora sabe quem é quem na televisão. Eles [a direção da Globo] saltam algumas pessoas, às vezes, que não decolam, ou que decolam um pouquinho e depois caem. Mas tem aqueles medallhões que são eternos, como eu. Então, me desculpa a modéstia, eu não tenho nenhuma, nunca tive. Não é agora que eu vou fazer a modesta."

PROJETOS

"Tenho um trabalho maravilhoso, que é minha peça 'Shirley Valentine'. Vou fazer agora uma temporada no Rio, mas antes vou para Miami porque estou com saudade do meu filho, da minha nora e dos meus netos. Tenho um apartamento novo lá e quero olhar um pouco mais o mar de lá, apesar de eu ter um mar aqui belíssimo. Fora a peça, tenho que vender agora o livro, nem que seja na praia (risos)."

SAÚDE

"A minha saúde vai bem. Me disseram que a minha doença é uma leucemia, é um câncer. Agora estou em remissão e eu não sabia que existia essa palavra. Então, estou em remissão. O que será isso? Está melhorando? [A remissão significa que os sinais e sintomas do câncer estão reduzidos ou ausentes. A remissão pode ser parcial ou completa, quando todos os sinais e sintomas do câncer desapareceram. O paciente que permanece em remissão completa por cinco anos ou mais, normalmente, pode ser considerado curado.] Graças a Deus!"

CUIDADOS

"Me exercito todos os dias. Faço RPG em uma academia e tenho uma esteira em casa. Revezos os exercícios. Eu durmo muito e acordo a uma hora da tarde. Estou aprendendo a tomar banho gelado. Vi na internet que existem cinco coisas para ficar jovem: tomar banho gelado, dormir muito, andar uma hora... Têm mais duas coisinhas que não me lembro. Não tem nada de sexo, não."

'Histórias desse tamanho me interessam mais, podem criar uma relação maior com os leitores'

Aline Zouvi se lança nas 'graphic novels' com estilo que mistura tatuagens a HQs

Por Isadora Laviola (Folhapress)

“Enquanto quadrinista a gente pode seguir vários caminhos, ficar nas tirinhas ou em histórias menores. O que me fez ir para a 'graphic novel' foi a vontade de explorar com mais calma uma narrativa.” É o que diz Aline Zouvi sobre sua primeira história longa, “Pigmento”, lançada agora pela Companhia das Letras. No mercado literário se usa o termo “graphic novel” - ou romance gráfico - para se referir a histórias mais longas e complexas que as HQs.

“Graphic novel é um termo assumidamente de marketing que começou a ser usado nos Estados Unidos para quadrinhos que têm formato de livro”, afirma o jornalista, crítico e tradutor Érico Assis, que se especializa no assunto. “Também é um sinalizador de prestígio, de requinte - uma gourmetização dos quadrinhos.”

Segundo Érico, essa percepção também costuma considerar os quadrinhos um gênero menor, a “mesa das crianças” na literatu-



Luiza Sigulem/Divulgação



Em sua nova obra, 'Pigmento', a quadrinista Aline Zouvi conta a história de uma jovem tatuadora que não consegue fixar tinta em sua pele

desde o primeiro momento, nasce uma relação de fascínio.

“Pigmento” combina dois universos visuais, o da tatuagem e o dos quadrinhos. “Minha intenção era explorar essa combinação e tratar de temas que já tratei em outras histórias, como saúde mental, personagens LGBTQIA+”. Aline também explorou temáticas inéditas em sua carreira como a psicanálise e personagens idosas.

“Histórias desse tamanho me interessam mais, podem criar uma relação maior com os leitores”, afirma ela. “Algumas pessoas me marcam em posts e stories agradecendo pela leitura, principalmente o público LGBTQ, contente com uma representação não estereotipada.”

Assis afirma que “existe demanda” para histórias mais longas no mercado editorial brasileiro. “Existe um público leitor e estrutura nas editoras para produzir e vender 'graphic novels'.”

Zouvi faz coro e diz que o hábito está incrustado nos brasileiros. “Todo mundo lê quadrinhos quando é criança, lê Mauricio de Sousa. Só que, na vida adulta, o que me fez voltar a ler quadrinhos foi uma ‘graphic novel’, foi ‘Persepolis’ da Marjane Satrapi.”

Outro romance gráfico que também reintroduziu Aline aos quadrinhos foi “Fun Home”, de Alison Bechdel. A quadrinista americana é uma referência para Aline, que cursou um mestrado sobre o trabalho dela. A intertextualidade usada por Bechdel, tanto no roteiro quanto no desenho das HQs, se reflete em “Pigmento”.

“Esse passeio por outras matérias e assuntos, de forma a conectar isso com a história principal, foi uma expressão que a Alison Bechdel me deu”, afirma a brasileira.

Zouvi afirma estar disposta a desenvolver mais histórias com a profundidade narrativa de “Pigmento”. “A ‘graphic novel’ é um universo encantador para mim, eu quero continuar fazendo, mas tendo em mente que o livro tem o seu próprio tempo. Enquanto isso vou tentando fazer histórias menores.”

ra. “A forma como os quadrinhos são tratados na grande imprensa reflete isso muito bem: quadrinho vira pauta quando aspira a ser literatura.”

Mas o que diferencia “Pigmento” dos outros trabalhos de Zouvi é o processo de produção. Enquanto ela leva de seis horas a um dia para produzir uma página de HQ ou cartum; “Pigmento” levou cinco anos entre o planejamento da narrativa, pesquisas, desenhos, redesenhos e ajustes digitais.

A história mais longa permitiu à autora explorar suas personagens de forma mais profunda. “Pigmento” conta a história de uma jovem tatuadora que não consegue fixar tinta em sua pele. Sua vida muda quando ela conhece uma restauradora de livros e,